

Jason W Moore. *Anthropocene or capitalocene? Nature, history, and the crisis of capitalism*. Kairos book. 2016.

Alicia Gonçalves

aliciafg1@gmail.com

INTRODUCTION

p.1- 11

Jason W. Moore

Historical geographer and world historian at Binghamton University, where he is associate professor of sociology and Research Fellow at the Fernand Braudel Center. Suas pesquisas tem como foco history of capitalism, environmental history, and social theory.

O livro editado por J. Moore, publicado pela Kairos book em 2016, está dividido em três partes com uma introdução assinada por Moore. Trata-se de uma coletânea de artigos escrito por vários autores que colocam no centro do debate a seguinte indagação: as mudanças sociais, ambientais, geológicas, no plano da biosfera, podem ser analisadas a partir da categoria anthropoceno? Ou o termo capitaloceno seria uma matriz analítica mais precisa?

Anthropoceno seria uma categoria de análise pertinente porque nos coloca algumas indagações sobre o cenário contemporâneo, mas não as responde. Uma determinada vertente dos Estudos ambientais, argumentam que Antropoceno seria uma nova era na história da humanidade – uma nova era geológica que se refere ao conjunto de

transformações que afeta o sistema do meio ambiente no planeta, as origens de tais transformações poderíamos identificar nas mudanças climáticas e depois na contaminação dos oceanos e dos solos. A partir desta categoria poderíamos ter uma matriz de análise da sociedade contemporânea.

“Our point of departure is the Anthropocene concept, the most influential concept in environmental studies over the past decade”. (Moore, 2016, p.15), baseado no argumento geológico. O conceito foi elaborado por Paul Crutzen and Eugene Stoermer in 2000, “the Anthropocene concept proceeds from an eminently reasonable position: the biosphere and geological time has been fundamentally transformed by human activity” (Moore, 2016, p.16). Ação humana sobre a natureza é a raiz da crise planetária. Há uma espécie de aritmética verde que é a base dos estudos ambientais: Society plus Nature = History.

A reflexão em torno da categoria antropoceno é insuficiente para a análise não considera as questões do poder, do trabalho pago e não pago; capital, do imperialismo, antropocentrismo, e, de certa forma, absorve o dualismo (Homem e natureza, mente e corpo, mente e natureza).

Já, o capitaloceno propõe uma nova forma de reflexão, de pensamento, temos que pensar o homem dentro da natureza e a natureza dentro do homem. (Moore, 2016, p.18). Neste sentido, a crítica central é o dualismo/binarismo e oposição entre natureza e cultura, homem e natureza, sociedade e natureza cuja origem é a epistème ocidental, eurocentrismo.

No capítulo 3 – parte II, intitulado: “a ascensão da natureza barata”, se refere ao processo de depreciação da natureza, natureza barata, sem valor, em dois planos: econômico e no plano ético-político.

Há a ideia da existência de uma natureza barata, que os recursos naturais são infinitos, natureza como dádiva, as narrativas em torno do jardim do Éden também confirma o mito (concebido como consciência mistificada – Marilena Chauí no livro “Mito fundador e sociedade autoritária”). Não é que natureza tenha sido depreciada, trata-se de um processo histórico com início nas grandes navegações e descobertas Moore, pontua historicamente o processo: Aliado aos projetos colonialistas, século XVI e desde o nascimentos das ciências baseadas no pensamento cartesiano que pressupôs a dualidade, corpo e mente, homem e natureza, natureza e sociedade – coloca a natureza como objeto passível de exploração, ou seja, aliada à história do capitalismo.

Tanto a natureza sempre foi considerada objeto de exploração visando a administração colonial, não somente a natureza, mas o Homem, basicamente o homem primitivo que se converte em “objeto” da ciência para antropologia, também é considerado objeto de exploração, porque confundido com a natureza. Podemos citar os índios na américa latina, escravos oriundos do continente africano, das mulheres em uma perspectiva de gênero, e outras alteridades. No capitaloceno – como uma era do capital - estamos passando por mudanças profundas, trata-se de um momento de transição e de crise socioambiental, planetária, civilizacional em que as condições

de vida no planeta estão se transformando em uma velocidade jamais experimentada antes, D Harvey denomina de compressão do tempo e espaço.

Essa dualidade, polaridade está na raiz das diversas formas de dominação, opressão e subordinação em vários planos e possibilitou a empresa capitalista: domínio capitalista, domínio colonial; racismo; racismo ambiental; assimetrias nas relações de gênero. Certamente trata-se de uma questão de opressão simultânea em vários planos. Por isso, os planos estão inter-relacionados e a análise deve ser trans e interdisciplinar. 1. Política econômica do capitalismo que cria e recria uma nova forma de acumulação nos últimos 5 séculos: natureza torna-se mercadoria “cheap” – barata? Em duplo sentido: em termos de preços, de valor econômico, e em um senso ético-político e moral. Há uma economia verde, neste caso, trata-se de valorar um bem ecossistêmico.

Teríamos que pensar para além do capitalismo e trabalhar em estratégias anti-sistêmicas, superar no plano do pensamento o dualismo Homem X Natureza imanente ao capitalismo. Uma certa teoria marxista pressupôs a natureza como objeto e assim, legitimou a sua exploração da mesma forma que denunciou a exploração do homem pelo homem. Diversas formas de violência contra a natureza foram parte da acumulação capitalista. Um detalhe: se o homem se coloca fora da natureza, como a sociedade pensa a natureza? As filosofias do bem-viver, Martinez Alier no livro “O ecologismo dos pobres” já denunciava os impactos irreversíveis do capitalismo sobre a natureza e sobre os homens.

A questão central vai para além da degradação ambiental. Como o sistema capitalista coloca a natureza a seu trabalho? Como a utiliza para a acumulação?

Capítulo 3, parte II p. 78- 115

1. Estamos vivendo em uma nova era do capitalismo que podemos nomear como Capitaloceno. O capitalismo não modificou o seu foco central é a acumulação do capital – produção da mais valia, e para tanto, coloca a natureza a seu trabalho. Transforma a natureza em mercadoria; não só natureza, mas também os homens. A história do capitalismo é uma correlação entre capital, poder e a natureza – incluindo homem, como objeto passível de exploração. Também, a noção de recursos infinitos, as narrativas religiosas em torno do jardim do Édem compõem a narrativa. O século XVI é um marco histórico significativo, revolução industrial inglesa é um momento histórico significativo, século XVIII a consolidação dos estados imperiais do norte no século XIX e, no século XX os projetos de desenvolvimento executados em países do norte e sul são referências históricas significativas.
2. Como historiador do capitalismo e em diálogo com K. Marx, o autor resgata a crise no sistema feudal e a ascensão do capitalismo, na sua fase (inicial) da acumulação primitiva, a expulsão dos camponeses de suas terras na Europa e o processo de proletarização, o uso da mão de obra escrava nas plantações de açúcar. Na América central e latina, processo de produção de commodities, resgata a teoria marxista, alienação do

homem da terra/propriedade e alienação dos meios de produção, homem é transformado em força de trabalho, Karl Polanyi, no livro “A grande transformação: as origens da nossa época” o antropólogo Húngaro indaga se referindo ao capitalismo: “que moinho satânico é este, que transformou o homem em massa”? ;

3. Existem conexões entre a crise ambiental e as diversas formas de desigualdade: poder, distribuição da riqueza e a divisão internacional do trabalho. Da mesma forma, questões de raça, classe, gênero, sexualidade, nações estão inter-relacionadas com o modo como a natureza estão sendo remodelada pelo capitalismo;
4. Trata-se de pensar e articular alianças políticas entre diversos atores sociais para repensar as relações entre sociedade e natureza, homem e natureza- lembrando que o pensamento cartesiano e a ciência cartesiana e positiva dissociou. Tal dissociação é a matriz de todas as patologias no capitalismo. Trata-se de se pensar sobre possibilidades de reconciliação entre homem e natureza.